



Fetichismo e reificação: a pertinência da teoria marxiana para a compreensão do processo de globalização

Danilo Ferreira de Souza
Raphael Paulino Gimenes

2º semestre/ 2014

Roteiro de Atividades Didáticas

Introdução

Abaixo serão apresentados quatro blocos de atividades didáticas, com o objetivo de trabalhar com os alunos do Ensino Médio alguns conceitos essenciais expostos no artigo “Fetichismo e reificação: a pertinência da teoria marxiana para a compreensão do processo de globalização”.

É importante ressaltar que, assim como o artigo foi dividido em duas partes, a primeira versando sobre o método dialético e as divergências entre o sistema hegeliano e o materialismo histórico de Marx, e a segunda problematizando tudo isso em relação às discussões contemporâneas sobre a globalização, a sequência didática também será. As duas primeiras atividades foram pensadas para o trabalho em sala de aula, a respeito das questões da primeira parte do artigo e as duas últimas em relação à segunda.

Elas podem ser aplicadas de maneira separada ou isolada, mas para uma maior aproximação das conexões interpretativas propostas no artigo, devem ser trabalhadas em conjunto, articuladas.



PRIMEIRO BLOCO

Atividade 1 - Introdução ao sistema filosófico marxiano: acumulação primitiva do capital, dialética e materialismo histórico.

A descrição da atividade, os objetivos e as informações sobre os recursos didáticos utilizados serão detalhados na explicação de cada aula.

Previsão de desenvolvimento:

Quatro aulas, sendo:

Aula 1: Contextualização histórica da obra de Marx.

Aula 2: Introdução ao pensamento marxista parte 1.

Aula 3: Introdução ao pensamento marxista parte 2.

Aula 4: A dialética da modernidade através da música *A cartilha do Ódio* do grupo de Rap Facção Central.

Antes do início dessa atividade, o professor deve solicitar aos alunos que leiam o capítulo: Burgueses e Proletários, do Manifesto do Partido Comunista. Trata-se de aproximadamente 10 páginas, a depender da edição, a serem trabalhadas no período de um mês.

Aula 1: Contextualização histórica da obra de Marx

Formato: Aula expositiva.

Objetivo: Fazer uma breve revisão de história, apontando o processo que resultou na Revolução Industrial e enfatizando os seus impactos sociais.

Recursos necessários: um quadro e material para escrever.



Estratégia didática:

Como se trata de um conteúdo de história, seria interessante que o professor de sociologia abordasse o assunto como uma espécie de revisão, voltada para o vestibular. A dinâmica adotada dentro de sala não deve ser "palestral", ou seja, não seria recomendável que o professor ficasse falando muito tempo, sem solicitar a intervenção dos alunos. O método proposto seria lançar algumas perguntas à turma e ir construindo o raciocínio em cima das respostas.

Exemplo: a sociedade moderna burguesa surge das ruínas da sociedade feudal. Alguém saberia me dizer quais foram as mudanças, no âmbito econômico, que contribuíram para a desintegração do sistema feudal? Vamos lá, gente! Na matéria de história, quais os elementos econômicos que marcam o início da chamada "Idade Moderna"?

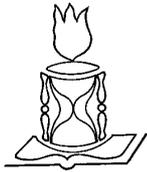
Espera-se que venham respostas difusas, fragmentadas, em geral por meio de palavras isoladas, tais como: mercantilismo, navegações, colonização, escravidão. Será tarefa do professor organizar essas respostas e articular um quadro resumido do que teria sido o "processo de acumulação primitiva de capital". Logo após, deve-se mostrar como essas novas condições econômicas se colocavam em contradição com o antigo regime feudal.

Após a exposição, o professor deve ler junto com a turma um trecho do manifesto comunista que sintetiza e sistematiza a discussão feita até o momento. Segue o trecho:

"A descoberta da América e a circunavegação da África ofereceram à burguesia em assenso um novo campo de ação. Os mercados da Índia e da China, a colonização da América, o comércio colonial, o incremento dos meios de troca e, em geral, das mercadorias, imprimiram um impulso, desconhecido até então, ao comércio, à indústria, à navegação, e, por conseguinte, desenvolveram rapidamente o elemento revolucionário da sociedade feudal em decomposição.

A antiga organização feudal da indústria, em que esta era circunscrita a corporações fechadas, já não podia satisfazer às necessidades que cresciam com a abertura de novos mercados. A manufatura a substituiu. A pequena burguesia industrial suplantou os mestres das corporações; a divisão do trabalho entre as diferentes corporações desapareceu diante da divisão do trabalho dentro da própria oficina.

Todavia, os mercados ampliavam-se cada vez mais: a procura de mercadorias aumentava sempre. A própria manufatura tornou-se insuficiente; então, o vapor e a maquinaria revolucionaram a produção industrial. A grande indústria moderna suplantou a manufatura; a média burguesia manufatureira cedeu lugar aos milionários da indústria, aos chefes de verdadeiros exércitos industriais, aos



burgueses modernos. A grande indústria criou o mercado mundial preparado pela descoberta da América: o mercado mundial acelerou prodigiosamente o desenvolvimento do comércio, da navegação e dos meios de comunicação por terra. Este desenvolvimento reagiu por sua vez sobre a extensão da indústria; e, à medida que a indústria, o comércio, a navegação, as vias férreas se desenvolviam, crescia a burguesia, multiplicando seus capitais e relegando a segundo plano as classes legadas pela Idade Média."¹

Em seguida, o professor deve mostrar como que os ideários trazidos pela revolução francesa estavam de acordo com essas mudanças oriundas do desenvolvimento econômico. As condições materiais da época estavam em contradição com o correspondente regime político, o que viabilizou o surgimento de ideias revolucionárias.

Na sequência, para falar especificamente da Revolução Industrial, deve-se dar uma atenção especial ao processo de "cercamento" e mostrar seu impacto na constituição das cidades e no horizonte de pensamento do novo proletário em formação. É interessante falar da mudança brusca nos costumes, no modo de lidar com o tempo, do clima imanente de incerteza em relação ao futuro e, principalmente, das terríveis condições em que essas pessoas viviam nesse período de transição.

Aula 2: Introdução ao pensamento marxista parte 1

Formato: aula expositiva.

Objetivo: fazer uma introdução ao materialismo histórico e trabalhar a noção de "dialética". Com isso pretende-se estimular reflexões acerca da produção da consciência.

Recursos necessários: um quadro e material para escrever. Equipamento de cópia e papel.

Conceito a ser trabalhado: dialética.

¹ MARX, K. e ENGELS, F. (1848) O Manifesto do partido comunista. Org. LASKI, H. J. Trad: Regina Lúcia F. De Moraes 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. pag. 95.



Estratégia didática:

Inicialmente, o professor deve retomar a importância da contextualização histórica realizada na aula anterior. Nesse sentido, o conteúdo inicial do quadro negro deve ser o período de vida de K. Marx e F. Engels, juntamente com suas principais obras:

KARL MARX (1818-1883) e F. ENGELS (1820-1895)

A ideologia Alemã (1846 – publicação em 1933)

Mencione que se trata de uma obra que realiza uma discussão de método e trabalha os conceitos de alienação e ideologia.

O manifesto do partido comunista (1848)

Documento político que sintetiza o pensamento materialista histórico e dialético e aponta para a necessidade da revolução socialista.

O 18 brumário de Luís Bonaparte (1852)

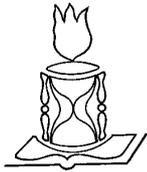
Aplicação do método marxista para a análise de uma conjuntura histórico-política específica.

O capital: a crítica da economia política (1867 – 1905)

Análise do funcionamento do capital. Como principal obra de Marx, é citada e revivida até hoje.

A seguir, o professor deve proferir as seguintes indagações: Por que estudar Marx? O que vem à cabeça de vocês quando eu menciono esse autor? O que vocês entendem por comunismo ou socialismo?

Nesse momento, deve-se fazer uma pausa, dividir a sala em 6 grupos e pedir para que cada um coloque no papel 5 argumentos contrários a ideia de uma sociedade socialista ou comunista. Lembrando que, nesse momento, o professor não pode interferir na concepção que cada aluno adota acerca desses conceitos.



Avaliação: ponto positivo para todos os nomes listados na entrega dos argumentos elaborados em grupo.

O professor deve pegar as respostas, ler em voz alta e indicar que tais argumentos já seriam previstos pelo pensamento marxista. A sua tarefa passa a se demonstrar de modo consistente, como Marx responderia a tais objeções.

No entanto, antes de tratar do próprio Marx, deve-se abordar, ainda que de maneira superficial e pouco conclusiva, a sua matriz filosófica: o Idealismo Alemão de Friederich Hegel (1770-1831).

Do pensamento hegeliano, deve-se destacar a sua concepção evolucionista da história e a crença na totalidade do universo, na qual espírito e natureza se entrelaçariam num processo contínuo de desenvolvimento, norteado pela racionalidade e pela perfeição. Para a explicação da dialética em Hegel, deve-se retornar ao artigo base da sequência didática. Seria desejável que o professor leia o seguinte trecho, junto com a turma:

"A dialética hegeliana se constitui a partir de uma *tríade* oriunda do princípio da identidade de opostos: tese, antítese e síntese. A tese pode ser entendida como o momento da afirmação; a antítese é o momento da negação da afirmação, é dessa relação oposta que se origina a síntese, o último momento que corresponde à negação da negação, ou seja, é o resultado da antítese anterior, no qual suspende a oposição entre a tese e a antítese. A síntese representa uma nova realidade marcada pela aparição da *Razão Absoluta*, da consciência de si, ou, o que dá no mesmo, da autoconsciência. Como bem afirma Soares (2010), "A dialética é o movimento contraditório dentro de unidades, que a cada nova etapa nega e supera a anterior, num fluxo contínuo de superação-renovação. Hegel sustenta a ideia de que um princípio não basta em si mesmo, pois carrega a contradição e a luta de opostos."²

Nesse momento, espera-se que todo mundo fique paralisado e não entenda nada. O professor deve esperar essa dúvida e preparar um clima de curiosidade e expectativa para a próxima aula. Para finalizar, deve ser entregue uma filipeta com a análise hegeliana do Estado e do direito, que será retomada na aula seguinte.

"O Estado é a realidade em ato da liberdade concreta: ora, a liberdade concreta consiste em que a individualidade pessoal e seus interesses particulares recebem

² Ver artigo, pág.04



seu pleno desenvolvimento e reconhecimento de seus direitos para si (nos sistemas da família e da sociedade civil), ao mesmo tempo que se integram no interesse geral, ou então o reconhecem consciente e voluntariamente como a substância de seu próprio espírito, agindo para ele como o seu objetivo final. Disso resulta que nem o universal vale e se realiza sem o interesse, a consciência e a vontade particulares, nem os indivíduos vivem como pessoas privadas, orientadas exclusivamente para os seus próprios interesses, sem querer o universal: eles têm uma atividade consciente deste fim. O princípio dos Estados modernos tem esta força e esta profundidade, de permitir que o princípio da subjetividade chegue a extrema autonomia da particularidade pessoal e, ao mesmo tempo, de reconduzi-la à unidade substancial, mantendo, assim, essa unidade em seu próprio princípio.”³

Aula 3: Introdução ao pensamento marxista parte 2

Formato: aula expositiva.

Objetivo: fazer uma introdução ao materialismo histórico e trabalhar a noção de "dialética". Com isso pretende-se estimular reflexões acerca da produção da consciência.

Recursos necessários: um quadro e material para escrever. Equipamento de cópia e papel.

Conceitos a serem trabalhados: dialética e o materialismo histórico.

Estratégia didática:

De início, o professor deve perguntar para a turma o que entenderam do texto e verificar as respostas que aparecerem. Se possível, seria interessante tentar construir uma explanação do trecho exigido para leitura, a partir das respostas que aparecessem.

Se notar muita dificuldade com a leitura, retome o texto passo a passo. Leia junto com os alunos e vá explicando detalhadamente. Ao término, deve-se apontar que como conquista da revolução, o direito e o Estado seriam a concretização da liberdade

³ HEGEL, F. Parágrafo 260 da Filosofia do direito in parágrafo 537 da Enciclopédia.



humana em seu conjunto. A legislação seria a síntese das contradições de interesses inerentes à sociedade e a partir disso que se extrai o seu caráter universal.

A seguir, evidentemente, a turma ainda continuará com dúvidas e indubitavelmente chegará a conclusão que se trata de uma teoria muito abstrata e complexa. E é nesse ponto que o professor deve fazer coro à voz de sua turma. E mostrar como essa também foi uma crítica que Marx fez, tanto a Hegel, quanto aos seus seguidores: os velhos e os jovens hegelianos.

A crítica de Marx é: “Nenhum desses filósofos teve a ideia de perguntar pela interconexão da filosofia alemã com a realidade efetiva, pela interconexão da crítica deles com a própria circunstância material.”⁴

E de onde parte essa crítica? Quais são os pressupostos que sustentam tal crítica? E aqui está o ponto central da aula.

O pressuposto do qual Marx parte é a existência de seres humanos vivos. Eles mesmos começam a se distinguir dos animais, tão logo começam a produzir os seus meios de vida, um passo condicionado pela sua organização corporal. Os indivíduos são da maneira como manifestam a sua vida. O que eles são coincide, portanto, com a sua produção, tanto com o que produzem, quanto também com o como produzem. Portanto, o que os indivíduos são, depende das condições materiais da sua produção.

A seguir, mostre as etapas para a elaboração de um pensamento que contemple a história da humanidade:

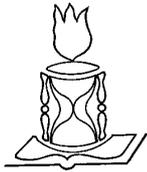
1º engendrar os meios para a satisfação de suas necessidades.

2º satisfeitas as primeiras necessidades, aparecem outras necessidades.

3º reprodução. Constituição da família. Crescimento populacional. Novas necessidades.

Conclusão: um determinado modo de produção ou estágio industrial está sempre unido a um determinado modo de cooperação ou estágio social, este modo de cooperação, sendo ele mesmo uma “força produtiva”, depreende-se que a quantidade das forças produtivas acessíveis aos homens condiciona o estado social e que, portanto, a “história

⁴ MARX, K. e ENGELS, F. (1933) A história dos homens, in A Ideologia Alemã. Org. Florestan Fernandes. Trad. Florestan Fernandes. Pág. 182-215. São Paulo: Ática, 1983.



da humanidade” precisa ser trabalhada e estudada, sempre em conexão com a história da indústria e da troca.

O aumento da população produz a divisão do trabalho entre os indivíduos. Essa divisão é condicionada pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas.

Os diversos estágios no desenvolvimento da divisão do trabalho são outras tantas diversas formas de propriedade. E nesse ponto, o professor deve recorrer novamente a revisão de história e mostrar os estágios de desenvolvimento estudados por Marx:

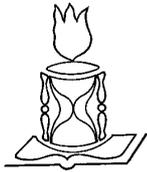
1 tribal – pouca divisão do trabalho.

2 Antiga propriedade comunal – pólis. Divisão do trabalho desenvolvida entre cidadãos e escravos. Concentração da propriedade privada. Base econômica escravocrata. O descompasso entre os meios de produção existentes e o crescimento da demanda oriunda do crescimento populacional fez da guerra o principal motor de desenvolvimento dessas cidades, tanto por parte dos povos ocidentais, quanto dos bárbaros.

3 – feudal estamental. População escassa e dispersa sobre uma vasta área agrícola condicionada pela expansão e decadência do império romano. O adormecimento do comércio, a destruição das cidades e o isolamento entre diversos grupos de indivíduos condicionaram o desenvolvimento da propriedade feudal. Baseavam-se numa coletividade, cuja base de produção eram os servos. A estrutura hierárquica da posse da terra e os seus guardas armados davam à nobreza o poder sobre os servos. Nas poucas cidades que restaram, a organização feudal do artesanato correspondia a mesma estrutura agrícola. Não havia distinção entre comércio e indústria.

O que promoveu as mudanças nos estágios de desenvolvimento foi justamente a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção dessa época. Esse ponto deve ser retomado em aulas seguintes.

A partir do que foi exposto, o professor deve mostrar que em oposição ao pensamento do espírito absoluto, Marx propõe o materialismo histórico dialético. "Não basta combater frases com frases". Como faziam os jovens e velhos hegelianos.



Aula 4: A dialética da modernidade

Formato: aula expositiva com o uso de letra de música.

Objetivo: fixar de modo prático como funciona e se aplica o materialismo histórico dialético.

Recursos necessários: um quadro e material para escrever. Equipamento de som. Equipamento de cópia com papel para distribuição de textos aos alunos.

Conceitos a serem trabalhados: dialética, relações de produção e forças produtivas.

Estratégia didática:

Antes de entrar na leitura do texto, seria interessante reproduzir parte de uma música como recurso didático para consolidar a explicação de como funciona um pensamento materialista e dialético. A música escolhida é *A cartilha do Ódio*⁵ do grupo de Rap Facção Central. Segue abaixo o trecho a ser trabalhado:

*"O cataclismo estelar originou os planetas,
o cataclismo social originou o capeta.
Que não quer só o caminhão da zona franca de Manaus,
quer pegada em persa no seu Taj Mahall.
O boy me ensinou a ter cifrão nos olhos,
que vale a mentira da arma química pelo petróleo.
Que o suéter é confortável pro executivo,
mesmo com o algodão colhido por mãos escravas de meninos.
Que não é indigesto o suco de laranja natural,
com o sabor da exploração da criança sem digital.
Que a aids não tem cura porque não é negócio,
o coquetel é a alegria dos laboratórios.
Não vai ligar quando a FMK2 explodir,*

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NJh1hZGs8UM>



as coberturas de 5 milhões do Itaim Bibi.

*Com o sistema de inteligência do Leonardo Senna,
com puta afogada na hidro acionada por telefonema.*

*Imagina eu de charrete em Campos do Jordão,
aproveitando a estação comendo seu coração.*

*Também apoio a sua segregação social,
só que eu de cavalo árabe e você no funeral.*

*Sei que a conquista tá no topo da montanha de cadáver,
que não é só vampiro que vive de sangue no cálice.*

*Aprendi como seu palácio de Bankhan é construído,
que as lágrimas são o diesel da X5.*

*Que pra puta ter biquíni de pérola de água doce,
meu olfato tem que se acostumar com o córrego podre.*

*2012, torci pelo sonho olímpico,
pro Brasil mostrar pro mundo sua medalha de cinismo.*

*Ia ser o atleta nos 100 metros rasos,
deixando com a língua pra fora o turista enforcado.*

Se o sangue é moeda corrente do seu capitalismo selvagem,

Deixa o herdeiro moscar na Lan House, jogando Counter Strike."

Como trabalhar essa letra como recurso didático para elucidar o pensamento dialético marxista? Estabelecendo relações de analogias com os versos mais convenientes. Veremos a seguir:

*"O cataclismo estelar originou os planetas,
o cataclismo social originou o capeta."*

Esse primeiro verso já carrega em si grande potencial explicativo. O "cataclisma" pode ser entendido como um conjunto de elementos físicos que se chocam e provocam grandes explosões. Foi esse choque entre astros que teria dado origem aos planetas. Ou seja, trata-se de uma explicação racional científica. Em analogia com essa explicação, se segue a origem da figura do "capeta", entendido como um ser



moralmente condenável, a representação simbólica mais terrível presente no pensamento cristão ocidental. O "capeta" seria produto do "cataclisma" social, ou seja, das contradições oriundas das relações humanas.

O pensamento marxista seguirá a mesma proposta apresentada pelo verso. Buscará garantir o caráter científico de seu estudo, partindo da análise das contradições presentes no mundo material para compreender as representações no plano simbólico. Em outras palavras, parte-se da compreensão da infraestrutura para a compreensão da superestrutura. O "cataclisma social" sob a ótica marxista poderia ser interpretado como a "luta de classes".

*"Que não quer só o caminhão da zona franca de Manaus,
quer pegada em persa no seu Taj Mahall."*

O capeta, no sentido do autor da canção, poderia ser interpretado como o pensamento burguês cuja ambição por acúmulo de capital deve ser expandida ao máximo; no caso, não bastaria apenas ter uma frota de caminhões oriundas da zona franca de Manaus, o objetivo seria um acúmulo de bens que proporcionaria um luxo ao nível de um palácio - o Taj Mahall. Ou seja, unindo a análise dos dois versos, podemos aferir que o conjunto de contradições presentes nas relações sociais produziu um tipo de pensamento no qual a busca pelo lucro e pelo luxo não deve ter limites.

*"O boy me ensinou a ter cifrão nos olhos,
que vale a mentira da arma química pelo petróleo."*

Aqui temos uma alusão ao efeito prático e constatável da consequência do tipo de pensamento já previsto nos versos anteriores. O autor faz uma clara provocação à invasão estadunidense ao Iraque, justificada pela suposta produção de armas químicas pelas forças de Sadam Hussein. A busca pelo lucro, pelos recursos materiais necessários ao acúmulo de capital, não respeitaria as exigências "éticas" mais elementares que a própria sociedade criou. O petróleo seria mais importante do que o compromisso com a "verdade" ou com a vida de pessoas envolvidas em uma guerra.



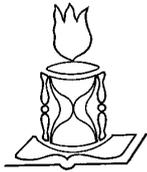
*"Que o suéter é confortável pro executivo,
mesmo com o algodão colhido por mãos escravas de meninos.
Que não é indigesto o suco de laranja natural,
com o sabor da exploração da criança sem digital."*

Esse verso antecipa uma discussão que será realizada nas próximas aulas, quando será abordado o fetichismo da mercadoria. Quando adquirimos certo produto, não temos contato, nem conhecimento com o processo social de produção daquela mercadoria. Só se reconhece o resultado final. A crítica aqui é que um artigo relativamente caro, no caso o suéter usado por um executivo, é "confortável" no duplo sentido (fisicamente e moralmente falando), não importando se foi confeccionado por mãos escravas. Essa é uma clara indireta aos casos de escândalos envolvendo grandes empresas de grife que se utilizam de mão de obra escrava de países periféricos. O mesmo raciocínio se aplica ao suco de laranja natural.

*Que a aids não tem cura porque não é negócio,
o coquetel é a alegria dos laboratórios.*

Esse verso também pode ser trabalhado nas aulas seguintes como uma reflexão acerca das consequências advindas da conversão do conhecimento e da ciência em "mercadoria". A crítica aqui seria que o sistema impõe limites, inclusive para o desenvolvimento da medicina, já que poderia contrariar a lógica do lucro. Não se produz nada que não possa ser convertido em mercadoria com valor de troca plausível para o acúmulo de capital.

*"Não vai ligar quando a FMK2 explodir,
as coberturas de 5 milhões do Itaim Bibi.
Com o sistema de inteligência do Leonardo Senna,
com puta afogada na hidro acionada por telefonema.
Imagina eu de charrete em Campos do Jordão,
aproveitando a estação comendo seu coração."*



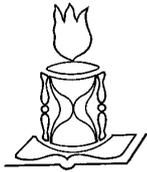
*Também apoio a sua segregação social,
só que eu de cavalo árabe e você no funeral.
Sei que a conquista tá no topo da montanha de cadáver,
que não é só vampiro que vive de sangue no cálice.
Aprendi como seu palácio de Bankhan é construído,
que as lágrimas são o diesel da X5."*

Nesse momento, os versos abordam o aspecto violento da tensão advinda de um sistema marcado pela luta de classes. Um mundo marcado por construções milionárias, os mais sofisticados mecanismos tecnológicos, em suma, de um lado uma imensa concentração de riqueza, e de outro uma imensa massa de despossuídos, traria como consequência uma reação violenta por parte dos desfavorecidos. Reação essa que se utilizaria dos próprios produtos do sistema contra a classe opressora. Sempre é bom ressaltar que ainda não estamos falando de uma revolução proletária. Apenas mostra como as contradições sociais produzem um sentimento de ódio que se expressa em violência clara e aberta.

*"Que pra puta ter biquíni de pérola de água doce,
meu olfato tem que se acostumar com o córrego podre."*

Novamente, o verso retoma a questão da contradição sistêmica. O luxo está sempre atrelado à exploração. Para que exista o milionário, necessariamente deve existir o miserável. O capitalismo é sustentado por antíteses, por elementos contraditórios.

*"2012, torci pelo sonho olímpico,
pro Brasil mostrar pro mundo sua medalha de cinismo.
Ia ser o atleta nos 100 metros rasos,
deixando com a língua pra fora o turista enforcado.
Se o sangue é moeda corrente do seu capitalismo selvagem,
Deixa o herdeiro moscar na Lan House, jogando Counter Strike."*



E aqui retornamos a consequência violenta das contrições do sistema. A "cartilha do ódio" título da música, adaptada ao nosso contexto, poderia ser interpretada (criticamente) como o efeito prático do pensamento burguês, metaforizado na figura do "capeta", mencionada no início da canção.

A figura do "herdeiro" pode ser interpretada como toda nova geração que já é socializada dentro desse contexto de busca desenfreada pelo lucro. "Counter Strike" é um jogo de computador desenvolvido para rodar em rede, no qual cada pessoa escolhe ser policial ou terrorista. Os gráficos são em primeira pessoa e o jogador deve desenvolver noções sobre o uso correto de diversas armas, desde seu peso até a velocidade de recarga da munição e ainda dominar o recurso da "pontaria". Ou seja, através desse entretenimento, já é preparado uma forma de treinamento para jovens e crianças inseridos no contexto de violência.

Terminada a análise da música, o professor deveria verificar o entendimento da classe e esclarecer alguns termos principais que irão aparecer no texto que será abordado na aula seguinte:

- Forças produtivas;
- Relações de produção;
- Meios de produção.

Ao término da aula, deverá ser solicitado à turma que tragam o Manifesto do Partido Comunista, lido e com as devidas dúvidas anotadas.

Atividade 2 - Aprofundamento do sistema filosófico marxiano: relações de produção, meios de produção, forças produtivas, revolução, ideologia, alienação e fetichismo

A descrição da atividade, os objetivos e as informações sobre os recursos didáticos utilizados serão detalhados na explicação de cada aula.

Previsão de desenvolvimento:

Cinco aulas, sendo:

Aula 1: Manifesto do Partido Comunista.



Aula 2 e 3: Filme: Matrix (1999).

Aula 4: Ideologia e alienação.

Aula 5: Introdução à economia política.

Aula 6: Fetichismo da mercadoria.

Aula 1: Manifesto do Partido Comunista

Formato: Debate com leitura dirigida.

Objetivo: Verificar o nível de compreensão da leitura e estimular a curiosidade do corpo discente, além do conteúdo presente no texto.

Conceitos a serem trabalhados: dialética, relações de produção, meios de produção, forças produtivas, revolução.

Estratégia didática:

Essa será a aula dedicada a revisar todo o conteúdo abordado até o momento. Antes de qualquer coisa, o professor deverá retomar o trabalho elaborado pela turma na aula 2 e mostrar como Marx combateria aqueles argumentos. Será indispensável dar atenção especial ao seguinte trecho:

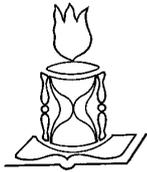
“Será preciso grande perspicácia para compreender que as ideias dos homens, suas noções e concepções, numa palavra, que a consciência do homem se modifica com cada mudança nas condições de sua existência material, em suas relações sociais, em sua vida social?

O que demonstra a história das ideias, senão que a produção intelectual se modifica à proporção que se modifica a produção material? As ideias dominantes de uma época são sempre da classe dominante.

Quando se fala de ideias que revolucionam, isso quer dizer que dentro da velha sociedade surgem elementos de uma, e que a dissolução das antigas ideias acompanha a dissolução das antigas condições de vida.”⁶

Avaliação: o professor deve avisar no começo da aula que cobrará uma reflexão sobre a leitura do manifesto, baseada na discussão em aula. O texto deverá ser entregue na

⁶ MARX, K. e ENGELS, F. (1848) O Manifesto do partido comunista. Org. LASKI, H. J. Trad: Regina Lúcia F. De Moraes 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pág. 111.



próxima aula e deverá contemplar: quais pontos lhe chamaram mais atenção no texto? Existe alguma dúvida? Se sim, qual? O que se entende por relações de produção e meios de produção? Por que o entendimento desses termos é central para a compreensão do processo revolucionário em Marx?

Aula 2 e 3 - Filme: Matrix (1999).

Gênero: ação e ficção científica

Diretores: Andrew Paul "Andy" Wachowski e Lana Wachowski.

Duração: 136 minutos.

Censura: 12 anos.

Recursos necessários: aparelho de DVD e de projeção.

Onde encontrar o filme: em qualquer locadora.

Observação: será necessário negociar alguma proposta interdisciplinar para viabilizar o uso do horário de outro professor, devido à longa duração do filme.

Resenha:

Matrix é o nome dado a um programa de computador que gerencia o funcionamento da mente humana, projetando-a em uma "realidade virtual". O enredo se passa em um futuro distante, no qual o planeta se encontra totalmente dominado por robôs com consciência própria. Os seres humanos são "cultivados" em campos e são utilizados como forma de alimentação para essas máquinas.

No entanto, nesse mundo devastado, ainda existe uma pequena parcela de seres humanos libertos, que tentam conservar a própria espécie. É desse grupo que partirá a ação de enfrentamento contra as máquinas. Liderados por Morpheu (Laurence Fishburne) esse grupo adentrará o universo de Matrix à procura do "escolhido", um ser



especial, capaz de combater o sistema de inteligência despótico, que escraviza a humanidade.

No início do filme, Thomas Anderson (Keanu Reeves), um jovem programador de computador que mora em um cubículo escuro, é atormentado por estranhos pesadelos, nos quais se encontra conectado por cabos e contra sua vontade, em um imenso sistema de computadores do futuro. Em todas essas ocasiões, acorda gritando no exato momento em que os eletrodos estão para penetrar em seu cérebro. À medida que o sonho se repete, Anderson começa a ter dúvidas sobre a realidade. Por meio do encontro com os misteriosos Morpheus e Trinity (Carrie-Anne Moss), Thomas descobre que é, assim como outras pessoas, vítima do Matrix. Inicia-se aí um longo conflito psicológico e uma batalha em busca da "realidade" e da "liberdade".

O filme será utilizado como recurso didático para as aulas seguintes, nas quais serão discutidos os conceitos de Ideologia, Alienação e Fetichismo.

Aula 4: Ideologia e alienação

Formato: aula expositiva e com discussão sobre o filme.

Recursos necessários: um quadro e material para escrever.

Objetivo: trabalhar os conceitos de ideologia e alienação, utilizando o filme Matrix como um recurso de ilustração dos conceitos.

Estratégia didática:

Antes de entrar na discussão sobre o filme, o professor deverá esclarecer os conceitos principais que ele trabalhará junto ao recurso didático.

O que é a Ideologia? É a falsa consciência. As condições materiais de existência determinam a consciência dos indivíduos, mas essa relação não é direta. A ideologia inverte a compreensão acerca da realidade, sustentada pela alienação. E a alienação? Alienar-se é estar-se alheio. É a separação entre a consciência e realidade efetiva.

Como são produzidas? Historicamente, a ideologia e a alienação se constituem a partir do momento em que se tem o excedente de produção. A primeira divisão do



trabalho se dá quando ocorre a necessidade de distinguir quem exerce o trabalho manual e quem gerencia a produção. Divisão do trabalho intelectual e manual.

Com essa divisão, está dada ao mesmo tempo a contradição entre o interesse do indivíduo singular ou da família e o interesse comunitário de todos os indivíduos que mantêm intercâmbio entre si. Logo, o trabalho passa a ser dividido, cada um tem uma esfera de atividade exclusiva: ele é caçador, pescador ou pastor e tem que continuar a sê-lo, se não quiser perder os meios para sobreviver.

Marx define o trabalho como processo sócio-metabólico de transformação da natureza. É uma característica exclusivamente humana. Ao transformar a natureza, o homem transforma a sua consciência e isso é passado hereditariamente. Através do trabalho, o ser humano se humaniza e progride intelectualmente. O problema é que essa divisão produz o trabalho alienado. Você não produz para si próprio. Tão pouco se reconhece naquilo que faz. O trabalho passa a ser um elemento automático, desprovido de consciência. Seu corpo exerce a função, enquanto sua mente está em outro lugar.

Esse é um primeiro aspecto da alienação, que afasta da noção do senso comum. A ideologia por outro lado, produzirá um conjunto de representações simbólicas, que legitimarão a continuidade do processo de alienação inerente a perpetuação do sistema. É necessário fazer com que o indivíduo acredite naquilo que está executando e não se subverta.

Uso do filme:

Primeiramente deve-se pontuar um pressuposto em relação ao mundo futurístico de Matrix. As máquinas são produtos da ação humana. São frutos de um longo processo de avanços tecnológicos que vislumbravam a submissão quase que total da natureza, sob o domínio humano. No entanto, em um determinado período, a humanidade perdeu o controle sobre aquilo que produziu. Tornou-se "alienada" à sua própria produção. Essa alienação resultou em uma série de processos autônomos, por parte das máquinas, que deram origem à Matrix - um mundo projetado.

Matrix pode ser interpretada, portanto, como o véu da ideologia em Marx. Seria algo que impede que os homens tenham consciência acerca das suas condições materiais de existência. Ela aparece como algo perfeito, muito coerente, que traz conforto; molda condutas, define padrões de comportamento.



Importante acrescentar que essa ideologia é fruto das condições materiais de existência. Matrix é um software que surgiu a partir de uma determinada relação de produção, que alienou o ser humano do produto de seu trabalho. No entanto, esse sistema apresenta falhas que geram crises. No filme, a personagem principal, Neo, é uma anomalia, assim como o vilão Smith. São vírus, frutos do próprio programa, que causam problemas no funcionamento das máquinas que controlam os seres humanos. Sendo assim, tal como Marx defende no manifesto comunista, (apesar da Matrix, no nosso caso, apesar da ideologia) as crises sistêmicas oferecem brechas para que agentes tenham consciência das contradições a que estão submetidos e se subvertam contra a estrutura de dominação.

Aula 5: Introdução à economia política

Formato: aula expositiva.

Recursos necessários: um quadro e material para escrever.

Objetivo: trabalhar os conceitos de mercadoria, valor de uso e troca como uma forma de preparar o estudante para a discussão acerca do fetichismo.

Estratégia didática:

O professor deve fazer amplo uso do quadro e lançar questionamento para que os alunos reflitam, antes de terem acesso ao conceito já trabalhado. Segue o roteiro que deve aparecer durante a exposição.

Forma mercadoria: unidade entre valor de uso e valor de troca. Utilizar abreviações. M (Mercadoria) = VT (valor de troca) + (VU) valor de uso. O VT é o elemento que estabelece uma relação de igualdade entre substâncias diferentes. O que determina o valor? Mercadorias são frutos do trabalho, suportes do trabalho humano abstrato incorporado em sua produção. Esse valor aparece numa objetividade fantasmagórica. O valor é o trabalho humano materializado na mercadoria. E como se mede esse valor? Pelo tempo socialmente necessário. É a “força de trabalho conjunta da



sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias”⁷ Os conceitos marxistas constituem unidade dialética, um não pode ser compreendido sem o outro. Valores de uso e de troca assumem respectivamente a forma de valores relativos e equivalentes. A relação entre mercadorias e dinheiro é um produto daquela dicotomia entre valor de uso e valor de troca. O tempo de trabalho socialmente necessário não pode operar como regulador daquilo que está ocorrendo diretamente, porque é uma relação social. Mas o valor é imaterial, mesmo sendo objetivo. E o problema? Não é possível mensurá-lo com precisão.

A aula deve se encerrar nesse ponto e professor deve mencionar que o filme Matrix voltará a ser utilizado na próxima aula, quando será abordado o Fetichismo da Mercadoria.

Aula 6: Fetichismo da mercadoria

Formato: aula expositiva.

Recursos necessários: um quadro e material para escrever.

Objetivo: trabalhar o conceito de fetichismo e articular uma discussão a partir do filme Matrix.

Estratégia didática:

No início da aula, o professor deve retomar os principais conceitos trabalhados na aula anterior para lastrear a discussão que se segue:

Fetichismo da mercadoria:⁸ o ser humano não pode controlar o valor dos produtos do trabalho. Só se sabe do valor mediante a relação de troca. Ele não é materializado, mas fruto de relações sociais. Só que essas relações sociais não se dão

⁷ MARX, Karl. (1867) O Capital: crítica da economia política: livro I. Trad. Reginaldo Sant’Anna. 26ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

⁸ Ver artigo



entre seres humanos, mas sim entre mercadorias. No sistema capitalista, os seres humanos são apenas suporte para a circulação das mercadorias.

“Os homens não relacionam entre si seus produtos do trabalho como valores por considerarem essas coisas meros invólucros materiais de trabalho humano de mesmo tipo. Ao contrário. Porque equiparam entre si seus produtos de diferentes tipos na troca, como valores, eles equiparam entre si seus diferentes trabalhos como trabalho humano. (...)”

Os produtores não sabem disso, mas o fazem. Por isso, na testa do valor não está escrito o que ele é. O valor converte, antes, todo produto do trabalho num hieróglifo social. Mais tarde, os homens tentam decifrar o sentido desse hieróglifo, desvelar o segredo de seu próprio produto social, pois a determinação dos objetos de uso, como valores é seu produto social, tanto quanto a linguagem.”⁹

Uso do filme:

Retomando a discussão das aulas anteriores, foi visto que as máquinas eram produtos do trabalho humano. Em uma determinada época, esse produto se autonomizou em relação ao seu produtor e inverteu a lógica da dominação. No mundo de Matrix, os seres humanos são cultivados em campos geridos por robôs. As próprias máquinas estabelecem relações sociais entre si, enquanto os humanos são apenas a bateria para seu funcionamento. Nesse sentido, todo o ambiente no qual se desenvolve o enredo do filme pode ser interpretado como uma crítica do fetichismo da mercadoria.

SEGUNDO BLOCO

Atividade 3: A animação “El empleo” (curta-metragem) e a noção de trabalho como fundamento ontológico do ser social (base para a discussão da reificação)

Descrição da atividade:

A atividade consistirá na reflexão sobre o papel do trabalho na existência social do ser humano através do curta-metragem “El Empleo”, uma animação argentina (não possui diálogos, então não haverá problemas com a língua) de 2008, dirigida por Santiago Bou Grasso, com roteiro de Patrício Plaza. Ela será a base para a introdução (na atividade quatro) da reificação das relações humanas como um dos principais sustentáculos do sistema capitalista contemporâneo e sua característica globalizante.

⁹ Idem, pág. 96 (ver artigo)



O vídeo é uma ótima maneira de introduzir a discussão sobre a coisificação das relações humanas, sua recorrência por todo o planeta e importância para o “bom” funcionamento do modo de produção vigente. Todos esses temas foram apresentados em forma de ensaio no artigo para a disciplina de “Estágio Supervisionado”, porém de uma maneira acadêmica, partindo dos textos clássicos (Marx e Engels) que contribuíram para a definição de alguns conceitos fundamentais do sistema filosófico marxiano, quais sejam alienação, fetichismo e reificação, chegando aos textos de autores brasileiros contemporâneos que trabalharam, partindo dessa linha de pensamento, em interconexão com a questão da globalização.

No Ensino Médio a proposta deve ser especial. Não é possível transpassar as ideias principais do artigo, dividi-las em aulas e discuti-las com a leitura dos textos da bibliografia e aulas expositivas. Esse seria um modelo universitário. Na escola básica é preciso uma estratégia diferenciada. O audiovisual foi a escolha para a introdução da problemática (especificidade do trabalho, retomada do conceito de reificação e sua importância como pilar do capitalismo na fase atual). Em seguida, a atividade quatro, o poema “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade, terá o objetivo de aprofundá-la.

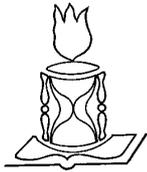
O curta-metragem será exibido por completo (tem aproximadamente sete minutos) e, em seguida, as primeiras impressões dos alunos serão discutidas. Alguns trechos serão selecionados, reexibidos e analisados em maior profundidade.

Foi feito um ajuste da metodologia e do conteúdo ao se pensar a passagem do artigo para o repertório didático. Isso ficará mais claro na especificação dos objetivos.

Objetivos:

Na segunda parte do texto acadêmico, buscou-se responder às seguintes questões:

- Reificação e globalização estão relacionadas?
- As características da reificação permanecem as mesmas desde seu surgimento?
- Quais são as particularidades das relações sociais reificadas em 2014?



-
- A reificação é realmente a base de sustentação contemporânea do sistema conforme afirma José Paulo Netto¹⁰?
 - Se vivemos em um sistema contraditório, opressor das potencialidades humanas, atuante em todos os aspectos da vida social, gerador de pobreza e desigualdade, por que ele sobrevive até os dias de hoje?
 - Como ele sobrevive nos dias de hoje?
 - O que permite que ele se mantenha erguido?

Com os alunos do Ensino Médio o trabalho estará centrado na reflexão das seguintes questões (as “respostas” compõem os objetivos):

- Qual o significado do conceito de trabalho?
- Por que o trabalho é o elemento fundante e especificante do ser social?
- Por que o homem trabalha e a abelha e/ou o cachorro não?
- O trabalho humano sempre foi o mesmo em todas as épocas da história?
- Quais são as especificidades do trabalho no sistema capitalista?
- Em algum momento o ser humano enxergou-se a si mesmo e a seu semelhante como parte da humanidade?
- Hoje, enxergamo-nos como seres humanos que compõem a humanidade? Enxergamos os outros seres humanos como parte da humanidade? Como o trabalho relaciona-se com isso?
- Por que o trabalho no modo de produção capitalista fez com que as relações entre os homens se transformassem em relações entre coisas?
- Qual a diferença entre trabalho abstrato e trabalho concreto? Ou seja, entre o trabalho útil, que humaniza e metaboliza o ser humano em relação à natureza, que produz valores de uso, e o trabalho geral, abstrato, que é apenas um dispêndio de força humana produtiva, voltado ao mundo das mercadorias e do capital?
- Qual desses dois é o modelo típico do capitalismo?
- Qual a relação entre esse modelo e a reificação das relações humanas?

¹⁰ NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.



- Esse modelo e, conseqüentemente, as relações humanas coisificadas, são observados em todo o mundo?

Percebe-se que a escolha da reflexão através dessas perguntas como objetivo da atividade implicou a opção por um dos aspectos da segunda parte do artigo. A justificativa é que, primeiro, não seria possível abordar todos, segundo, que esse é um dos pontos mais cruciais, dele irradiam os fundamentos da argumentação.

As referências são as ideias Lukacsianas sobre o trabalho como aspecto ontológico fundante do ser social, baseadas em Marx, com reverberações em Mészáros e, como opção bibliográfica desse trabalho, em Ricardo Antunes no Brasil.

O objetivo não é trabalhar esses autores com os alunos, mas sim usar suas teorias como pano de fundo para o debate sobre o filme “El Empleo”.

Informações sobre o material a ser utilizado

“El empleo” é um curta-metragem de uma produtora argentina chamada “OpusBou”. Tem o formato de animação e dura seis minutos e vinte e quatro segundos. Foi feito em 2008, dirigido por Santiago Bou Grasso, com roteiro de Patrício Plaza. Ganhou uma série de prêmios internacionais e tornou-se um sucesso na internet, com quase três milhões de visualizações no “Youtube”.

A descrição de Rosita Rose para o espaço virtual “Obvious” é ótima para a ambientação do vídeo:

São 07h15 da manhã. O simpático relógio desperta. Na cama, um homem sentado, ainda sonolento e visivelmente cansado. Ele esfrega a mão num dos olhos e sabe que precisa levantar para mais um dia de trabalho.

Já de pé, o homem acende o abajur, que é um homem engravatado e sem rosto. No banheiro, o espelho é “preso” por mais alguém, o “espelho-homem”. O protagonista segue para a sala com uma xícara de café e senta-se num “garoto-cadeira”, que acompanha um “casal-mesa.”

Após completar a primeira refeição do dia, o homem aperta levemente a gravata, pega seu paletó e o chaveiro num “cabideiro-mulher” e segue para o trabalho. No percurso até lá, mais cenas de uma “coisificação” aparentemente estranha, mas cheia de sentido.

“El empleo” possibilita tantas reflexões, que é capaz de atingir, de forma angustiante, a nossa percepção mais profunda sobre o trabalho. O curta é um exemplo doloroso e, nem por isso, longe da realidade do cenário social, que abriga milhões de pessoas em busca de emprego, de salários melhores, de



valorização e satisfação profissional. Com maestria, o curta ilustra muito bem a relação Homem x Trabalho e reflete um olhar do Homem como um mero objeto, sem uma gota de piedade¹¹.

Ele está disponível facilmente na rede e pode ser armazenado no computador através de programas específicos. Não haverá problema para sua utilização em sala. Será necessário um computador e um projetor para transmiti-lo.

Previsão de desenvolvimento:

Duas aulas, sendo:

- 1- Conversa introdutória sobre o tema, projeção completa do filme e discussão em sala;
- 2- Aula expositiva-dialógica relacionando alguns conceitos com passagens do filme.

Recursos necessários:

- Computador e Projetor;
- Internet para a reprodução “online” ou o arquivo do filme.

Dinâmica utilizada:

Aula 1:

A proposta é que o professor inicie a atividade explicando o que será trabalhado, quais serão os desafios e aonde se quer chegar. Sugere-se seguir os seguintes passos:

1º: apresentar o conceito de “trabalho”, a sua especificidade como elemento fundante do ser social, a diferença do metabolismo entre o homem e a natureza e os demais seres vivos e, por fim, um panorama sobre as características desse “trabalho” durante a história;

2º: exibir o filme “El empleo”;

3º: questionar quais foram as impressões dos alunos, o que eles perceberam, o que sentiram;

¹¹ Rosita Rose. “El empleo”: uma crítica angustiante sobre o trabalho. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/dona_efemera_e_dona_perpetua/2013/12/el-empleo.html>. Data de acesso: 15/12/2014.



4º: provocá-los evocando as seguintes passagens:

- Durante todo o filme, seres humanos desempenham atividades que geralmente são executados por outras coisas, quais são elas?
- Por que foi escolhida a reprodução de uma cena cotidiana?
- As coisas que geralmente executam as tarefas do filme são produzidas por quem? Por que nesse filme elas são executadas pelas próprias pessoas?
- O que significa a ideia de que a personagem principal do filme relaciona-se com todos os seus semelhantes, como se fossem coisas, utiliza-se do trabalho humano como se fossem coisas, ressaltando que não há nem um diálogo verbal, e no fim, ela mesma se torna uma coisa, pois seu emprego é ser o tapete da porta do chefe?

Aula 2:

A discussão da primeira aula será aprofundada. Sugere-se seguir os seguintes passos:

1º: Exibir novamente o filme “El empleo” e pedir para que os alunos anotem quais atividades são realizadas por pessoas durante o filme, mas que na “vida real” são executadas por coisas/máquinas;

2º: Partir das respostas dos alunos para dialogar com eles sobre a noção de pertencimento do ser humano à humanidade, o olhar para o outro como parte dela, a relação entre modo de produção capitalista, o desempenho por pessoas de atividades típicas de objetos (como mostrado no filme) e a coisificação das relações humanas;

3º Explicar a diferença entre trabalho abstrato e trabalho concreto e pedir para que eles façam uma atividade em casa, reunindo o levantamento realizado no primeiro passo e indicando se essas atividades estão relacionadas ao trabalho abstrato ou concreto.



Atividade 4: O poema “Eu, etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade e a reificação das relações humanas

Descrição da atividade:

A proposta consiste em um aprofundamento dos temas introduzidos na Atividade 3. Isso significa que o sistema capitalista e a reificação das relações humanas serão abordados sob a ótica da globalização. Por fim, busca-se uma conclusão que dê clareza aos alunos das etapas percorridas e do objetivo alcançado.

O suporte didático será a poesia “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade.

O poema será apresentado em formas diferentes (leitura presencial e áudio), haverá diálogo sobre as impressões dos alunos e análise de trechos específicos.

Objetivos:

Os objetivos são:

- Aprofundar a temática introduzida na atividade 3;
- Proporcionar aos alunos a percepção da dimensão globalizante do modo de produção capitalista e das repercussões na coisificação das relações humanas;
- Expor a poesia de Carlos Drummond de Andrade, pois ela utiliza a terminologia teórica estudada nas aulas anteriores, porém em uma expressão artística;
- Incluir no debate, através do texto poético, as marcas globais e o significado delas para as economias mundiais e a reificação.

Informações sobre o material a ser utilizado

Carlos Drummond de Andrade é um dos maiores poetas da língua portuguesa e uma das figuras nacionais mais importantes do século XX. É muito estudado nas universidades, lido pelas pessoas e utilizado nas salas de aula do ensino básico. Trabalhar com esse tipo de linguagem na disciplina de sociologia é uma maneira de colocar em prática a interdisciplinaridade.



Drummond produziu muitos textos durante a vida, suas antologias reúnem milhares de escritos em verso e prosa. Dentre eles está “Eu, Etiqueta”, escrito na década de 70, mas apenas publicado em 1984 no livro “O Corpo” pela Editora Record.

Esse poema ganhou notoriedade entre o público brasileiro, em especial nas escolas. Percorre planos de ensino das mais variadas disciplinas. Foi produzido e editado de uma série de formas, em imagens, vídeos e áudios. Dentre eles está a gravação de Paulo Autran, utilizada nesse roteiro.

Previsão de desenvolvimento:

Duas aulas, sendo:

- 1- Conexão com a atividade 3, provocação sobre a recorrência da temática em estudo nos outros países e a apresentação em áudio da poesia “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade;
- 2- Aula expositiva-dialógica sobre a poesia e os conceitos abordados. Por fim, uma conclusão do bloco temático.

Recursos necessários:

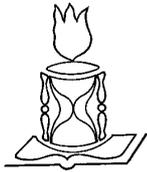
- Giz e lousa;
- Se disponível, um projetor ou a poesia impressa.

Dinâmica utilizada:

Aula 1:

Serão debatidas as atividades realizadas em casa, que relacionam as cenas do filme “El empleo” com o trabalho abstrato e concreto e, partindo disso, aproximar essa problemática ao funcionamento do sistema capitalista, sua ação globalizante e reificante, através da poesia “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade. Sugere-se seguir os seguintes passos:

1º: Pedir para que os alunos falem sobre como conectaram as cenas do filme aos dois tipos de trabalho. Verificar se ficou claro que o filme está exemplificando o trabalho



abstrato, relacioná-lo ao modo de produção capitalista e avançar mostrando como disso chega-se à coisificação das relações humanas;

2º: Levantar a seguinte questão, essas características do trabalho humano na atualidade e a maneira como nos enxergamos e como enxergamos nossos semelhantes apenas ocorre no Brasil? É possível observá-las em outros países? Em todos?

3º: exibir a poesia “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade apenas em áudio na leitura de Paulo Autran.

Aula 2:

A análise da poesia “Eu, Etiqueta” será aprofundada. A ideia é fechar essa discussão fazendo um panorama sobre os conceitos trabalhados nas quatro aulas, os recursos didáticos e verificar junto aos alunos se foi possível atingir o objetivo previsto. Sugere-se seguir os seguintes passos:

1º: Ler a poesia “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade junto com os alunos (entregar uma folha impressa ou exibir o texto em um projetor)

Eu, Etiqueta

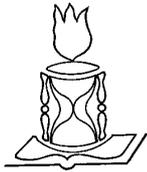
“Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.

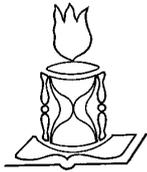
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.



Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio,
ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).
E nisto me comparo, tiro glória
de minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago



para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam
e cada gesto, cada olhar
cada vinco da roupa
sou gravado de forma universal,
saio da estamperia, não de casa,
da vitrine me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente”¹².

2º: questionar quais foram as impressões dos alunos? O que eles perceberam? O que sentiram?

3º: ressaltar as duas passagens abaixo:

“Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia

¹² _____. Eu, Etiqueta. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e Prosa (Corpo). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. P.1018-1020.



tão diverso de outros, tão mim mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.

(...)

Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.

Já não me convém o título de homem.

Meu nome novo é coisa.

Eu sou a coisa, coisamente”¹³.

4º: provocar as seguintes questões a partir dos trechos, o que podemos dizer sobre a condição humana, considerando tudo o que já foi discutido nas últimas aulas? Por que vocês acham que o poeta demitiu-se de ser ele? Por que ele diz que não é mais ele, mas sim um artigo industrial? Qual a relação entre os três últimos versos e todo o debate das aulas anteriores sobre a reificação das relações humanas?

Avaliação: para fechar esse bloco de atividades o aluno deverá preparar uma redação em casa, relacionando o curta-metragem “El empleo” e a poesia “Eu, Etiqueta” com a definição de reificação das relações humanas e/ou apresentar um seminário (com entrega de relatório) sobre um novo recurso (filme, literatura) que aborde essa mesma temática.

¹³ _____. Eu, Etiqueta. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e Prosa (Corpo). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. P.1018-1020.